

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº594

De 15 de julho a
29 de julho de 2020

Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



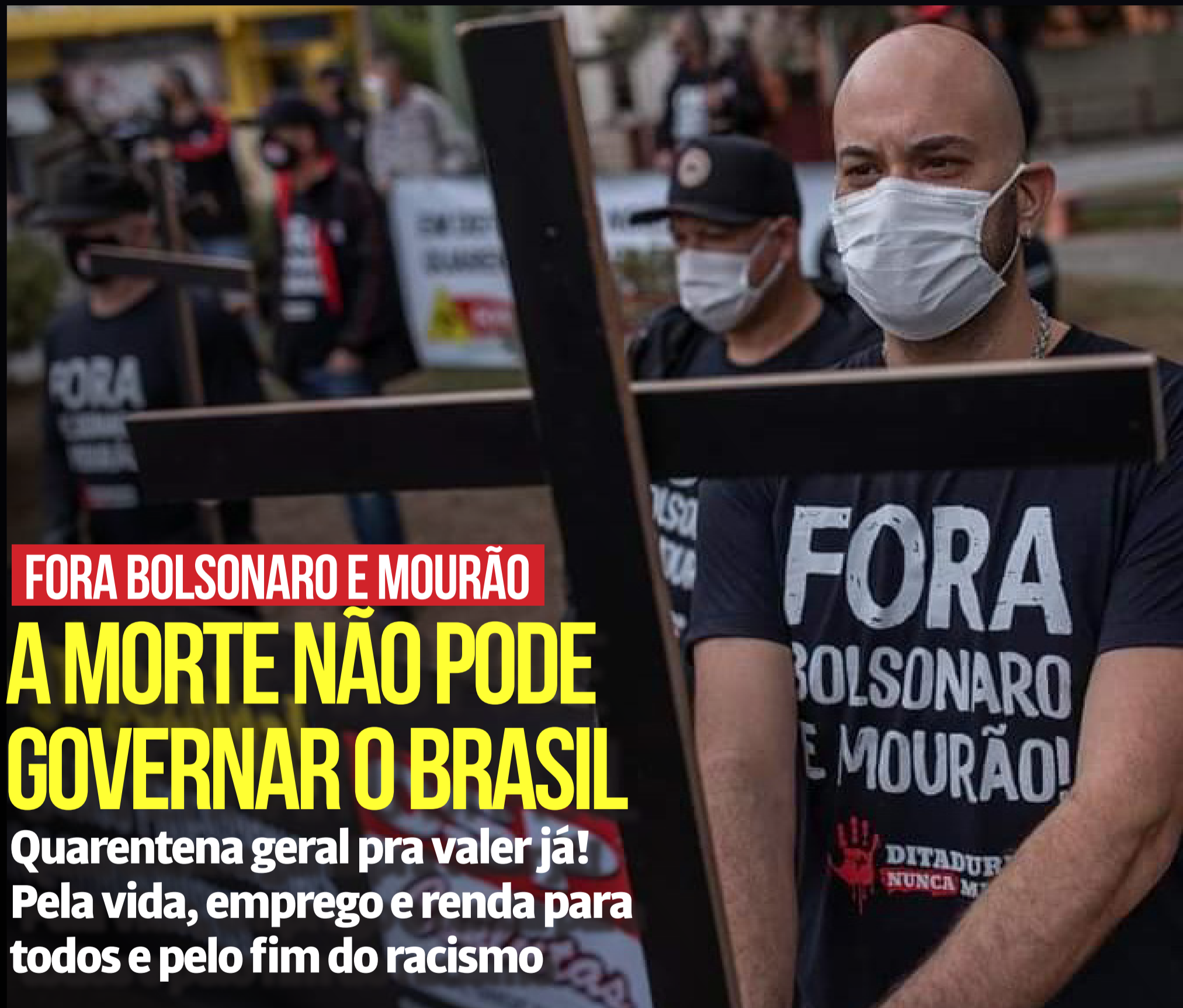
@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



FORA BOLSONARO E MOURÃO A MORTE NÃO PODE GOVERNAR O BRASIL

Quarentena geral pra valer já!
Pela vida, emprego e renda para
todos e pelo fim do racismo

Pandemia

Retorno às aulas é conduzir professores, profissionais e famílias dos alunos ao abatedouro. **Página 6**

Meio Ambiente

Desmatamento faz Amazônia perder duas São Paulo em seis meses. **Páginas 12**

25 de julho

Julho das Pretas: rebelião negra contra o racismo e o capitalismo. **Página 13**



PDF INTERATIVO CLIQUE NO QR CODE >  DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



Falou Besteira



Em relação à água potável, o indígena se abastece da água dos rios que estão na sua região.

O vice-presidente HAMILTON MOURÃO, minimizando os vetos de Jair Bolsonaro à lei de proteção de indígenas contra o novo coronavírus (O Globo, 9/7/2020).



Ministro da vara

O novo ministro da Educação escolhido pelo presidente Jair Bolsonaro, o pastor Milton Ribeiro, já defendeu educar crianças “com dor”. No vídeo cujo título é “A Vara da Disciplina”, Ribeiro explica que “a correção é necessária para a cura”. Ele prossegue: “Não vai ser obtido por meios justos e métodos suaves. Talvez uma porcentagem muito pequena de criança, precoce e superdotada, é que vai entender o seu argumento. Deve haver rigor, severidade. E vou dar

um passo a mais, talvez algumas mães até fiquem com raiva de mim: deve sentir dor.” Ribeiro conclui: “Não estou aqui dando uma aula de espancamento infantil, mas a vara da disciplina não pode ser afastada da nossa casa.” Como se isso não bastasse, ele comentou um feminicídio e atribuiu o crime a uma louca paixão. “Acho que esse homem foi acometido de uma loucura mesmo e confundiu paixão com amor. São coisas totalmente diferentes. Ele, naturalmente mo-



vido por paixão, paixão é louca mesmo, ele então entrou, come-teu esse ato louco, marcando a vida dele, marcando a vida de toda família”, disse.

Coletivo de Artistas Socialistas lançará blog

O Coletivo de Artistas Socialistas (CAS) lançará seu blog em uma live no dia 22 de julho, às 19h, na sua página do Facebook (coletivodeartistassocialistas), com os membros do conselho editorial.

O blog nasce tendo como ponto de partida o Manifesto Por uma Arte Revolucionária Independente, que faz um apelo à construção da Federação Internacional da Arte Revolucionária e Independente (FIARI) redigido em 25 de julho de 1938, no México, após uma série de debates que envolveram Leon Trotsky e André Breton.

Naquele período, o texto foi tanto uma resposta às medíocres e repressivas concepções artísticas do stalinismo – apresentadas sob o rótulo de “realismo socialista”, definidas por Trotsky como a “expressão mais crua da profunda decadência da revolução proletária” – quanto,

até hoje, ponto de reflexão e instrumento de luta contra as constantes tentativas, por parte do capitalismo, de manipular, cercear, mercantilizar ou colocar a Arte e a Cultura a serviço das ideologias que propagam preconceitos e distintas formas de opressão.

Trata-se de algo particularmente válido num momento como o atual, quando a tentativa de submissão da Arte e da Cultura aos interesses do capital ganha uma forma ainda mais nefasta em meio à decadência geral da sociedade e às garras dilacerantes de governos pautados no fundamentalismo, numa espécie de demência intelectual e num conservadorismo que se traduz em verdadeiro ataque à arte e aos artistas. Por isso mesmo, o chamado final do Manifesto, é o ponto de partida e o fio condutor que orientará as contribuições que serão feitas pelo blog que o Coletivo de Artistas Socialistas

disponibilizará a partir do dia 22 de julho:

O QUE QUEREMOS:

a independência da arte – para a revolução

a revolução – para a liberação definitiva da arte.

Se esse é o critério válido para o fazer artístico, ele também serve como parâmetro para aqueles a aquelas que contribuem para este blog.

LANÇAMENTO EM GRANDE ESTILO

Fruto de um esforço apaixonado e militante de companheiros e companheiras que há muito se dedicam a tentar preencher esta lacuna, o Blog do Coletivo de Artistas Socialistas (www.blogdocas.com.br) é uma iniciativa que pode ser saudada com enorme entusiasmo. Por isso, contamos com a participação de todas e todos no lançamento oficial.

ACESSE >> WWW.BLOGDOCAS.COM.BR

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Fabrício Last e Victor “Bud”

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO


FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

 opinio@pstu.org.br

 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Organizar a bronca

A classe trabalhadora enfrenta uma dupla ameaça: a infecção pelo novo coronavírus e a COVID-19 e o desemprego. Os casos de contaminação e mortes nas empresas e nas periferias se multiplicam. Os trabalhadores sofrem com o medo de ficar doentes e contaminar a família, com a redução dos salários e, ainda por cima, têm seus direitos arrancados.

Enquanto os trabalhadores dos aplicativos lutam por algum direito, governo, empresários e Congresso Nacional fazem de tudo para precarizar de vez o trabalho.

O desemprego cresce. Mais da metade da população está fora do mercado de trabalho. E o governo ainda quer reduzir a mísera renda de R\$ 600 e parar de pagá-la à maioria daqui a dois meses.

O pequeno empresário também está lascado. A suposta ajuda do governo não chega. Esta semana, o dono de um bar em Curitiba se acorrentou na porta da CEF porque o banco e o governo não liberam o auxílio.

A RAPINA, O DESMONTE E A ENTREGA DO PAÍS

O Ministério da Saúde chefiado por um militar da ativa, general Eduardo Pazuello, está desmontando o SUS e fazendo do ministério um cabide de emprego para militares. Já o Exército recebe R\$ 500 milhões para produzir cloroquina, medicamento ineficaz para a pandemia.

Os militares também são cúmplices do genocídio indígena e do desmatamento, que, só em junho, aumentou 10% em relação ao ano passado.

Faz parte do projeto de semiescravidão desse governo entregar o país, desmontar e privatizar empresas do porte da Petrobras, além de acabar com a educação e com os órgãos públicos ligados à ciência e ao meio ambiente.

GOVERNO DA MORTE

Bolsonaro está acuado. Para evitar cair, de um lado abraça o centrão e, de outro, promete à classe dominante um Bolsonaro “paz e amor”.

Mas que ninguém se enga-

ne. Bolsonaro é um governo da morte. Como aparece num outdoor em Natal, “a morte não pode seguir governando o Brasil”. Além do genocídio, defende de forma aberta o machismo, o racismo e a lgbtphobia. É corrupto, tem ligação profunda com as milícias e as beneficia de todas as formas.

Ele defende a ditadura, a tortura, o fim das liberdades democráticas e um projeto autoritário. No entanto, é sustentado pela maioria da burguesia. Mesmo os setores da classe dominante críticos a ele não querem derrubá-lo. É por isso que o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM), senta em cima de 51 pedidos de impeachment.

UNIDADE PARA LUTAR

É preciso botar para fora Bolsonaro e Mourão e garantir novas eleições. Para isso, temos de mobilizar a maioria que está contra o governo.

Nesse sentido, toda unidade e frente para lutar é uma necessidade. O PSTU valorizou a unidade em torno da campanha pelo “Fora Bolsonaro”, que definiu a jornada de 10, 11 e 12 de julho. Seus militantes estiveram, junto com a CSP-Conlutas, à frente das mobilizações que existiram de norte a sul. Atividades vitoriosas, mas que poderiam ter sido bem mais fortes se os demais setores tivessem se jogado para construí-las.

Como afirmou Vera na plenária nacional da campanha: “Essa plenária precisa ser o início de uma jornada de lutas que possa envolver todos os setores, rumo a um dia de greve geral. Essa unidade para ação direta de milhões é o que poderá botar abaixo Bolsonaro.”

É preciso organizar a bronca, a luta em defesa da vida, do emprego, da renda, do salário, dos direitos, das liberdades democráticas e contra o racismo e a violência policial. É fundamental organizar essa bronca pela base, com democracia operária.

Dia 25 tem greve dos trabalhadores de aplicativos e também é dia de luta das mulheres negras. Foi definido um novo dia nacional de luta: 7 de agos-



to. Vamos nos empenhar na sua construção e devemos cobrar que as demais entidades e movimentos também se empenhem.

ALTERNATIVA SOCIALISTA

O capitalismo promove a barbárie e o genocídio. Essa é a cara de um sistema irreformável, no qual o lucro e a acumulação estão acima de tudo.

É por isso que o PSTU se coloca à frente do chamado pelo “Fora Bolsonaro e Mourão”.

Também estamos à frente da luta em defesa do emprego, pela estabilidade, pela redução da jornada sem redução dos sa-

lários e pela revogação das reformas trabalhista e da Previdência. Precisamos, além disso, defender as estatais e lutar para colocá-las sob controle dos trabalhadores, defender a estatização dos bancos, sem indenização, e a unificação num banco único para que todo dinheiro esteja a serviço dos trabalhadores e dos pequenos empresários.

Mas precisamos ir além. Nesse sentido, propostas de frentes amplas eleitorais ou de conciliação bom a burguesia para governar este sistema decadente não são a solução. O PT mostrou isso ao fi-

car 14 anos no poder, e o país continuou tão desigual quanto sempre. Escolher como projeto manter este sistema, tendo como horizonte um capitalismo com renda mínima, é ser cúmplice da barbárie.

O que precisamos é de uma alternativa socialista, que lute por outra forma de sociedade: sem exploração e opressão, com emprego para todos, moradia, saúde etc. Uma sociedade em que os trabalhadores governem em conselhos populares.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2AYEDM0](https://bit.ly/2ayedm0)

BURGUÊS NÃO PAGA IMPOSTO

Sonegação de 'Ricardo Eletro' é só a ponta do iceberg

ROBERTO AGUIAR,
SALVADOR (BA)

No dia 8 de julho, foi destaque na imprensa a prisão do fundador da Ricardo Eletro, uma das maiores redes varejistas de eletrodomésticos do país. O empresário Ricardo Nunes foi preso na Operação Direto com o Dono, deflagrada pelo Ministério Público de Minas Gerais em parceria com a Secretaria da Fazenda mineira e a Polícia Civil. Ele é acusado de sonegar R\$ 400 milhões em impostos, que deveriam ter sido pagos ao estado de Minas Gerais ao longo de cinco anos.

Segundo o Ministério Público, as lojas da rede Ricardo Eletro cobravam dos consumidores

impostos embutidos no preço dos produtos, como o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviço (ICMS). Depois, os empresários embolsavam essa quantia.

O ICMS é a principal fonte de receita dos estados, cobrado pela movimentação de mercadorias e serviços, devendo ser recolhido e repassado ao governo. Muitos empresários, porém, como o fundador da Ricardo Eletro, sonegam, roubam o dinheiro público, porque sabem que são protegidos pelo próprio Estado. Somente em dezembro, por sete votos a três, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que o não pagamento do ICMS é considerado crime tributário, com

pena prevista de seis meses a dois anos de detenção.

Sonegar impostos é uma prática corriqueira de empresários, banqueiros e latifundiários brasileiros. Quanto mais lucros esses senhores obtêm, fruto da exploração da classe trabalhadora e de roubo do dinheiro público, menos impostos pagam.

QUEM PAGA IMPOSTO É O POBRE

O orçamento do governo para garantir o funcionamento da administração pública e os investimentos em serviços depende fundamentalmente dos impostos. Contudo, além da sonegação, os empresários são beneficiados pelas formas de arre-



cação. Longe de obedecer ao critério de "quem tem mais, paga mais", temos um sistema tributário inverso: os pobres e os trabalhadores pagam mais impostos.

O Imposto de Renda sobre as Pessoas Físicas (IRPF) é um exemplo dessa desigualdade. Todos os rendimentos superiores a R\$ 4.664,68 mensais são tributados em 27,5%. Isso significa que um operário metalúrgico paga a mesma alíquota que o seu patrão.

Outra aberração é a Lei 9.249/95, sancionada por Fernando Henrique Cardoso (PSDB), mantida pelos governos de Lula e Dilma (PT), que isenta de tributos os lucros e dividendos pagos aos acionistas e sócios de empresas e bancos. Em 2019, os acionistas e sócios do banco Itaú receberam R\$ 18,8 bilhões em dividendos e não pagaram nem um centavo de imposto sobre esse valor. Enquanto isso, o trabalhador que recebe um salário mínimo de

R\$ 1.045 tem descontado 7,5% do rendimento para o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

Um estudo elaborado pela Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil (Unafisco) revela que o governo federal, por não tributar lucros e dividendos, deixa de arrecadar cerca de R\$ 59,79 bilhões por ano. A Lei 9.249/95, que favorece empresários e banqueiros, precisa ser derrubada.

Outra forma de beneficiar as empresas é a chamada renúncia tributária. No orçamento votado no Congresso Nacional, o Governo Federal prevê que vai abrir mão de R\$ 331,18 bilhões de arrecadação em 2020 por conta de renúncias tributárias. O valor equivale a 4,35% do Produto Interno Bruto (PIB). As renúncias correspondem a 21,8% de tudo que a Receita projeta arrecadar este ano com a cobrança de impostos e contribuições federais.

VENENO

As isenções fiscais dos agrotóxicos

Apenas as empresas que produzem e vendem agrotóxicos têm um pacote de benefícios, com isenções e reduções de impostos, que soma quase R\$ 10 bilhões por ano conforme estudo divulgado pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), por pesquisadores da Fiocruz e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

O que o Governo Federal e os estados deixam de arrecadar com a isenção fiscal para os agrotóxicos equivale a quase quatro vezes o orçamento total previsto para o Ministério do Meio Ambiente neste ano (R\$ 2,7 bilhões).

RANKING

Os maiores devedores de impostos

Mesmo com todos os benefícios garantidos por políticas governamentais, negociadas pelo Estado, o grande balcão de negócios da burguesia, empresários, latifundiários e banqueiros devem os impostos.

Bolsonaro e Paulo Guedes negociaram uma reforma da Previdência que atacou de forma brutal os direitos historicamente conquistados pela classe trabalhadora. Com o falso discurso do rombo da Previdência, conversa mole que já era usada pelos governos anteriores, falavam que geraria empregos e o Estado teria um ganho de R\$ 1 trilhão em uma década. Contudo, o desemprego só aumenta e a crise econômica se aprofunda.

Não existe rombo na Previdência, mas sim roubo. De acordo com a Procuradoria Geral da

Fazenda Nacional (PGFN), em fevereiro deste ano, as dívidas previdenciárias dos 500 maiores devedores somavam R\$ 491 bilhões.

Na lista dos 500 maiores devedores de impostos à União, o agronegócio é responsável por 149 empresas ou empresários, ou seja, a cada três empresas que devem ao fisco, uma pertence ao setor, revela o levantamento organizado pelo De Olho Nos Ruralistas, com dados da PGFN.

Ao todo, 29,8% empresas ou empresários ligados à produção rural brasileira devem R\$ 335 bilhões à União.

Os clubes brasileiros devem R\$ 5,3 bilhões. Quase metade (49%) está concentrada em uma dezena deles. O Corinthians lidera o ranking com uma dívida de R\$ 737,7 milhões.

AS 10 MAIORES EMPRESAS DEVEDORAS DA PREVIDÊNCIA PÚBLICA

VARIG:	R\$ 4,147 BILHÕES
JBS:	R\$ 2,536 BILHÕES
VASP:	R\$ 1,982 BILHÕES
YMPACTUS/TELEFREE:	R\$ 1,779 BILHÕES
AELBRA (ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL):	R\$ 1,524 BILHÕES
PETROBRAS:	R\$ 1,437 BILHÕES
TRANSBRASIL:	R\$ 1,362 BILHÕES
MARFRIG:	R\$ 1,215 BILHÕES
BRADESCO:	R\$ 1,162 BILHÕES
ÁGUAS E ESGOTOS DO PIAUÍ (AGESPISA):	R\$ 1,011 BILHÕES

Já as igrejas evangélicas têm uma dívida de R\$ 420 milhões em impostos. Os dirigentes, apoiadores de Bolsonaro, tentam barganhar no Congresso leis favoráveis a não cobrança de tributos.

As entidades religiosas precisam recolher taxas como a do INSS de seus funcionários, o que não está sendo feito. Pelo menos não está sendo repassado aos cofres públi-

cos. No topo do ranking está, a Igreja Internacional da Graça de Deus, do pastor Romildo Ribeiro Soares, com quase três mil templos espalhados em onze países.

NA PANDEMIA

Governo entrega mais dinheiro a burguês

Desde o início da pandemia, a preocupação de Bolsonaro tem sido manter o lucro dos empresários. Uma das medidas aprovadas a favor dos empresários e sonegadores de impostos é a chamada transação excepcional, que começou a valer desde o dia 1º de julho e vai atender tanto as pessoas jurídicas quanto as pessoas físicas que estão inscritas na Dívida Ativa da União. A medida garante aos caloteiros dos impostos descontos de até 100% dos encargos da dívida, além do parcelamento em até 133 meses de pagamento.

Hoje, existem 5 milhões de contribuintes inscritos na Dívida Ativa da União. Desse, 70% serão beneficiados pela transação excepcional. A expectativa da PGFN é que até R\$ 56 bilhões sejam negociados. Esse valor é quase duas vezes maior que todo o

orçamento do programa Bolsa Família para 2020 (R\$ 29,5 bilhões). Para o governo, o mais importante é o Bolsa Empresário.

Utilizando-se da pandemia e atendendo um pedido da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Bolsonaro editou uma Medida Provisória (MP) voltada ao crédito que concede empréstimos com recursos públicos a empresas que tenham pendências com a União. A MP dispensa uma série de exigências previstas hoje na legislação, facilitando o financiamento público para empresas com dívidas fiscais e do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), por exemplo. A liberação vai ficar em vigor até 30 de setembro de 2020.

Enquanto isso, microempresas sofrem com a burocracia e as inúmeras exigências dos bancos



para liberar os recursos. O governo não esconde que sua preocupação é com as grandes empresas. Paulo Guedes disse em reunião ministerial: “Vamos ganhar dinheiro usando recursos públicos para salvar grandes companhias, e vamos perder dinheiro salvando

as pequenas.” O ministro ultraliberal despreza que as pequenas empresas empregam cerca de 19,8 milhões de trabalhadores.

É urgente e necessária a derrubada deste governo, que aproveita a pandemia para impor seu ajuste fiscal, salvar empresas e bancos,

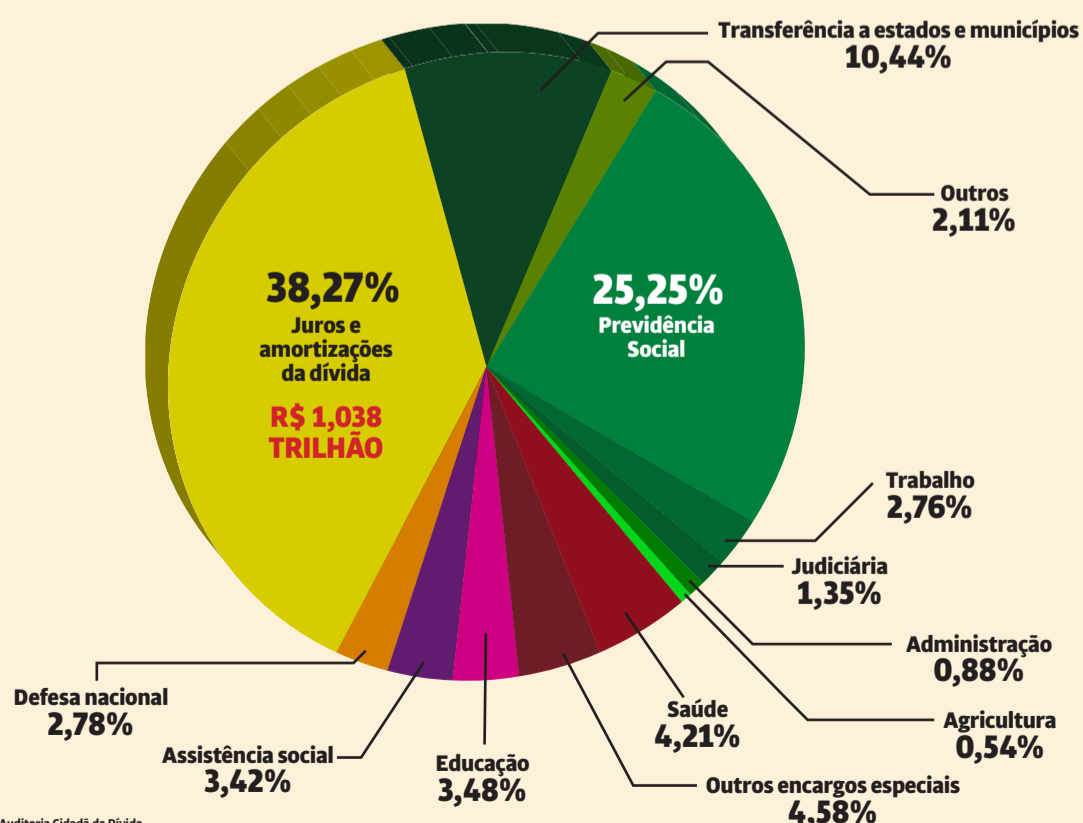
enquanto os mais pobres, os trabalhadores, os informais e os micro e pequenos empresários pagam a conta com seus direitos e suas vidas.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3H0I4PE](https://bit.ly/3H0I4PE)

IMPOSTOS E DÍVIDA PÚBLICA

O roubo nos impostos cruza com o roubo maior: a dívida pública

Orçamento Federal Executado (pago) em 2019 = R\$ 2,711 trilhões



Fonte: Auditoria Cidadã da Dívida

Os impostos vêm da riqueza gerada pelos trabalhadores. A cada dia, milhões de horas trabalhadas, tomam a forma de mercadorias que são transportadas, vendidas em lojas ou entre as próprias empresas. O fruto do trabalho de milhões se transforma em lucro para um punhado de burgueses e em juros para outro punhado de banqueiros. Apenas uma pequena parte se transforma em salários.

É dessa riqueza gerada pelos trabalhadores que o governo recolhe os impostos. Mas como já vimos, os burgueses quase não pagam impostos. Quando não são isentos, cometem crime de sonegação.

Metade de tudo que governo arrecada vai o para o bolso dos parasitas que não pagam impostos: os banqueiros. Em 2019, foi destinado R\$ 1,38 trilhão do orçamento geral da União para o pagamento de

juros e amortizações da dívida pública conforme aponta o estudo realizado pela Auditoria Cidadã da Dívida Pública.

No livro A superestrutura da Dívida, o sociólogo Daniel Bin argumenta que os juros funcionam como um imposto a mais para os trabalhadores e, ao mesmo tempo, como um não imposto (um imposto negativo nas palavras do autor) para os grandes capitalistas. Em outras palavras, o que a burguesia paga de imposto com uma mão, recebe de volta com a outra pelos juros da dívida pública, e com acréscimo. É por isso que a taxa das grandes fortunas é uma medida totalmente insuficiente.

Se não suspendermos imediatamente o pagamento dessa dívida fraudulenta, não existe reforma tributária que possa resolver o roubo do orçamento público causado pelos bancos e empresários.

EDUCAÇÃO

Por escolas fechadas em defesa da vida e suspensão do ano letivo até o fim da pandemia



FLÁVIA BISCHAIN,
DE SÃO PAULO (SP)

Quando os estados e os municípios determinaram o fechamento gradual das escolas, em 17 de março, o Brasil tinha 301 infectados pela COVID-19 e registrava sua primeira morte, em São Paulo. Hoje, passados menos de quatro meses, já temos mais de 1,6 milhão de contaminados e quase 70 mil mortes. É nesse triste cenário que o MEC anuncia seu protocolo de volta às aulas. Não há matemática que explique essa decisão absurda.

O documento publicado no dia 30 de junho, assinado pelo secretário-executivo do MEC, Antônio Paulo Vogel, define

diretrizes para as instituições federais que servirão de base para as redes estaduais e municipais: “Nós entendemos que os alunos precisam voltar às aulas o quanto antes. Estamos criando uma geração de crianças e jovens com déficit de aprendizado.” Não se preocupam nem com a vida dos estudantes, quanto mais com o aprendizado.

Ainda não chegamos no pico de transmissão no Brasil. É possível que isso aconteça em agosto, com mais de 90 mil mortos. Devido à subnotificação, esses números ainda estão longe da realidade. Frente a isso, as medidas de biossegurança elencadas pelo MEC, como lavar as mãos, usar máscaras e álcool em gel e

manter 1,5 metro de distância, são completamente insuficientes. Permitir que estudantes, professores e funcionários voltem à escola em plena pandemia não é apenas irresponsabilidade, é genocídio.

Além de não ter ministro, o MEC também parece não ter nenhuma noção de como funciona uma escola. Como garantir que crianças de três ou quatro anos mantenham o tempo todo o distanciamento e a máscara intacta no rosto? Como impedir que os estudantes não usem o banheiro durante as cinco ou seis horas? Contra todas as recomendações, a medida vai expor a comunidade escolar e seus familiares.

Sem testes, não há como detectar os doentes. Como a maio-



REALIDADE

Não há estrutura nas escolas

O plano de volta às aulas do MEC e dos governos estaduais e municipais também não leva em conta a realidade das escolas. É impossível garantir medidas mínimas de higiene quando 10.685 escolas brasileiras não têm nem acesso à água limpa de acordo com o Censo Escolar 2019.

Nas regiões Norte e Nordeste, há escolas que dependem da água dos rios ou de carros-pipa para abastecimento. Em São Paulo, parte delas está em regiões periféricas que sofrem com a falta de água. Nos casos mais graves, estão aquelas sem rede de esgoto (8% das escolas do país), sem energia elétrica (3%) e até sem banheiro (4%).

ria das crianças é assintomática, transmitirá o vírus a seus pais, avós, vizinhos. Na Espanha, pesquisadores da Universidade de Granada (UGR) apontaram que uma única sala com 20 crianças colocaria em risco de contágio 808 pessoas em dois dias. Em três dias, os contatos cruzados poderiam atingir 15 mil pessoas. Por

tudo isso, os especialistas desaconselharam o retorno às aulas em setembro no país europeu, que começa a ver novos focos de transmissão após relaxar as medidas de isolamento.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2AZN49Q](https://bit.ly/2AZN49Q)

É A ECONOMIA

A preocupação não é com o aprendizado, é com a volta ao trabalho

A quem interessa a volta às aulas? Além da pressão das redes privadas, há um grande interesse dos capitalistas em desmontar a pouca quarentena para que a classe trabalhadora retorne integralmente ao trabalho, mesmo que para isso tenha que arriscar a vida de seus filhos nas escolas sem nenhuma condição sanitária. Desde maio, o Instituto Unibanco já publicava protocolos recomendando a volta às aulas. Seu estudo “Educação e Coronavírus – Reabertura das escolas”, que analisa os impactos fiscais na educação básica, busca

exemplos internacionais, como da Dinamarca, com uma realidade bastante distinta da nossa e salas com média de 20 alunos.

Apesar de não ter nenhuma base científica, muitas redes planejam a volta às aulas de forma híbrida (combinada entre presencial e à distância), no auge da pandemia. São os casos de Rio de Janeiro e Brasília, por exemplo. Outras, para setembro, como nos estados de São Paulo e Santa Catarina. Pais, professores e funcionário têm se mostrado contra essa política.

“Não tem vacina certa, e,

se eles voltam agora, está colocando a minha vida em risco, a vida deles e dos professores e colaboradores. Então pra mim as aulas não devem voltar este ano”, explica Juliana, mãe de três filhos estudantes de escolas públicas em São Paulo.

Essa posição é majoritária no país. Segundo pesquisa do Datafolha publicada em 26 de junho, 76% são contra o retorno às aulas nesse momento. A pesquisa também demonstra que os que mais defendem a reabertura das escolas são justamente os empresários (31%).



TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO

Contra a volta às aulas, greve pela vida

No Rio de Janeiro, professores da rede privada deliberaram em assembleia que não retornarão às escolas depois que o prefeito Marcelo Crivella autorizou a reabertura a partir do dia 10 de julho. Priorizando os interesses do ramo educacional privado, Crivella alegou que não via problema, pois, segundo ele, as crianças seriam imunes. Em Duque de Caxias (RJ) a prefeitura também autorizou a volta às aulas na rede privada, e em Búzios (RJ) os trabalhadores da educação fizeram uma paralisação de 72 horas das atividades remotas, entre os dias 8 e 10 de junho.

O Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação-RJ (Sepe) anunciou que vai preparar a categoria para greve contra a volta às aulas. O Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação do Ceará também organizou uma paralisação das atividades remotas em Fortaleza, no dia 10 de junho. No Pará, na Bahia e em São Paulo, os sindicatos de professores apontam possibilidade de greve em defesa da vida e contra

a volta às aulas durante a pandemia.

Em Brasília, a Secretaria da Educação decretou a retomada das aulas para o dia 3 de agosto, sob protestos de trabalhadores da educação e da saúde, que levaram cruzeiros em frente ao Palácio em protesto. A Sociedade de Pediatria do Distrito Federal (SPDF) publicou uma nota na qual relata que 6,9% dos casos no Distrito Federal eram de crianças e adolescentes (3.480 casos), mostrando que eles não são imunes, e se posicionou contra o retorno às aulas.



Escola do Rio superlotada com alunos no chão

EAD NÃO É A SOLUÇÃO!

Suspensão do calendário escolar durante a pandemia!



O posicionamento da comunidade escolar e da população em geral contra a retomada das aulas presenciais não significa um apoio à Educação à Distância ou ao chamado ensino remoto. Isso porque a experiência aplicada em todo o país tem se demonstrado um grande fracasso. Dados do G1 levantados junto às secretarias da educação comprovam o que os professores já apontavam: as desigualdades educacionais se acentuam na pandemia, já que a maioria dos estudantes das redes públicas não consegue acessar o ensino remoto.

O panorama é chocante: em sete estados, o acesso não chega a 15% dos estudantes; em cinco estados,

não chega a 25%; e onde tem mais acesso, São Paulo e Roraima, não chega a 50%. O caso mais grave é no Piauí, onde 91% dos estudantes não conseguem acessar as plataformas online. Diante desse fato, fala-se em “apagão da educação”, e sabemos que a juventude negra das periferias é a mais afetada por essa exclusão. O número de estudantes da escola pública sem acesso a computador chega a quase 40% (TIC Educação, 2019). Sem contar a falta de acesso à internet, o revezamento do equipamento com irmãos e pais e a falta de lugar adequado para estudar.

Mesmo quem acessa não aprende. Acumular as tarefas domésticas, os problemas

de desemprego, adoecimento e isolamento com ensino remoto não tem sido fácil nem para as famílias, nem para os professores, em especial para as mulheres, sobrecarregadas com as tarefas domésticas.

O ensino remoto tem se comprovado uma farsa, cujo único interesse é fazer a privatização da escola pública avançar, aproveitando-se da situação da pandemia. Utilizam estudantes e professores como cobaias para aplicar a reforma do Ensino Médio. Sancionada em 2017 por Temer, a reforma prevê que parte do currículo do ensino básico seja à distância, inclusive com parcerias com o setor privado. Os atuais contratos com as empresas que oferecem as plataformas digi-

tais e demais serviços de internet não são transparentes, e o uso que farão de dados e informações dos estudantes também tem sido questionado conforme denúncia do site The Intercept.

Contra a farsa do ensino remoto/EaD e o retorno genocida às escolas, é preciso exigir a suspensão do calendário escolar durante a pandemia. Isso não significa interromper a relação dos estudantes com as escolas, mas entender que essa relação nesse momento tem de estar voltada para o apoio mútuo e a auto-organização da comunidade escolar no combate à pandemia, não para dar conta de conteúdos e do currículo. As próprias secretarias de Educação começam a admitir que o conteúdo terá de ser revisto nos anos de 2021 e 2022. Voltar para a escola agora é colocar em risco milhares de vidas. Outra coisa é que é preciso ga-

rantir segurança alimentar às crianças, renda aos pais que estiverem desempregados e salário a todos os trabalhadores da educação durante esse período, muitos dos quais estão sem receber.

Se os governos insistirem no retorno às aulas, será necessário organizar uma grande greve nacional da educação, com apoio de toda a classe trabalhadora, em defesa da vida. Também é fundamental fortalecer a luta pela quarentena geral e real, com garantia de condições sociais para que os pais possam cuidar de seus filhos em casa. Para lutar em defesa da vida da classe trabalhadora e de seus filhos, precisamos por fora o governo de Bolsonaro e Mourão e seguir denunciando os governos estaduais e municipais que se aproximam de seu projeto genocida.

#ESCOLAS FECHADAS EM DEFESA DA VIDA

- ✓ **Suspensão do calendário escolar durante a pandemia**
- ✓ **Pagamento de salário integral a professores temporários e trabalhadores das escolas**
- ✓ **Readmissão dos trabalhadores da educação, terceirizados ou contratados, demitidos durante a pandemia**
- ✓ **Quarentena real, com condições sociais; os pais dos alunos têm de ter garantia de ficar em casa com os filhos.**

PANDEMIA

Governos querem impor barbárie como fato consumado

Governadores e prefeitos se aliam a Bolsonaro no genocídio e aceleram reabertura.



DA REDAÇÃO

Em todo o país, governadores e prefeitos aceleraram a reabertura indiscriminada da economia. As imagens dos bares lotados no Leblon, área nobre do Rio, no último dia 3 de julho, viralizaram nas redes sociais e ilustram o momento que vivemos: se antes Bolsonaro polarizava com os governadores no discurso em relação à COVID-19, agora estão todos juntos para impor o fim de qualquer medida de distanciamento social.

Até mesmo os números dos mortos pela pandemia vão perdendo destaque na imprensa. Além de normalizarem as mais de mil mortes notificadas todos os dias no país, os governos pintam um cenário enganoso de que a doença estaria perdendo força e que, portanto, tudo deveria voltar ao normal. Mas não está. No dia em que o prefe-

to do Rio, Marcelo Crivella, mandou reabrir os bares, a cidade contava com 59 mil casos confirmados e quase 7 mil mortes, com taxa de ocupação de UTIs na casa dos 70%.

No momento em que fechávamos esta edição, a capital paulista, que já está com bares, restaurantes e comércio abertos, liberava também setores como academias de ginásticas. No UOL, um dos maiores portais de notícias, uma manchete declarava: “SP tem queda no número de mortes pela terceira semana consecutiva”. O tamanho dessa “queda”: na semana anterior, foram notificadas 1.706 mortes. Nesta semana, 27 a menos.

Se há um platô na capital (pelo menos em relação às notificações oficiais) com 6% de redução nas mortes, no interior houve um aumento de 12%, com o colapso do sistema público em regiões como Campinas, Sorocaba e Ribeirão Preto. É o processo

de interiorização que dá a tônica da atual fase da pandemia no país. De forma invariável, a abertura é seguida do aumento de casos e mortes. É a consequência inescapável observada em qualquer lugar do mundo, da Flórida (EUA) ao Vale do Paraíba (SP).

A reabertura que os governadores e prefeitos impõem

vai contra as determinações da OMS para a retomada: redução sustentada do número de casos e mortes, seguida pela diminuição da ocupação de leitos hospitalares. Algo que não ocorre em nenhum lugar do Brasil.

Ignorando os alertas e as recomendações das autoridades de saúde, governadores e





prefeitos, após terem realizado uma quarentena absolutamente insuficiente, cerram fileiras de forma definitiva com o negacionismo de Bolsonaro e sua política genocida e mandam o povo para o matadouro.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2DGCYLX](https://bit.ly/2dgcylx)

QUADRO DA TRAGÉDIA

Mortes aumentam com reabertura

Registros de mortes na segunda-feira, dia 13 de julho, em relação ao mesmo dia da semana anterior. Foi a pior segunda-feira desde maio. Brasil totalizava 72.921 mortes notificadas.

-  **Brasil:**
+ 114 mortes (total de 733 mortes em 24 horas)
-  **Nordeste:**
+ 73 mortes (357 em 24 horas)
-  **Sudeste:**
+ 38 mortes (187 em 24 horas)
-  **Norte:**
+ 14 (66 em 24 horas)



CASO PENSADO

Sem testagem em massa, Brasil patina no escuro



Uma das pré-condições para uma reabertura progressiva da economia na pandemia é a aplicação de testes para COVID-19 de forma massiva. A partir daí, seria possível se ter um quadro minimamente definido sobre a crise e o real número de contaminados, e programar a volta após a redução sustentável

dos casos. Também seria possível isolar os doentes e rastrear as pessoas que tiveram contato com eles, medida básica adotada por países que tiveram mais eficiência no combate à pandemia, como Coreia do Sul.

Mas, no Brasil de Bolsonaro, abre-se tudo sem nem ao menos testar. Se os números subnotifi-

cados já apontam que não há redução nos casos, a ausência de testes em massa deixa o país no escuro. O governo havia prometido a realização de 24 milhões de testes PCR (mais confiáveis) e outros 22 milhões de testes rápidos (com alta margem de erro e que, segundo muitos especialistas, não servem para nada).

Até o momento, o governo havia distribuído 4,4 milhões de kits de testes, mas só 1,2 milhão havia sido realizado. Isso porque o governo federal distribuiu os kits sem o principal reagente para a detecção da COVID-19.

“O governo havia prometido a realização de 24 milhões de testes PCR e 22 milhões de testes rápidos, mas até agora só realizou 1,2 milhão de testes.”

Para se ter uma ideia, embora seja o segundo país no ranking mundial de mortos e contaminados, o Brasil é um dos países que menos testam. Com 21,5 testes por milhão de pessoas, o país está atrás da Palestina (24 por milhão) e do Botswana (21,8).

Longe de ser uma situação provocada pela falta de insumos,

como quer fazer parecer o governo, a ausência de testes serve para que não se tenha ideia do tamanho da pandemia. Muito provavelmente, os mil e poucos mortos notificados ao dia só estacionaram neste patamar (já

absurdo), pela simples falta de testes. Não é do interesse de Bolsonaro, que já tenta censurar as poucas informações que temos hoje, uma maior notificação dos casos.

É por isso que, junto com emprego, salário e renda para garantir a vida, temos de exigir a testagem em massa na população.

PELA VIDA, EMPREGO E RENDA

Fora já Bolsonaro e Mourão!

No dia 7 de julho, Bolsonaro surpreendeu ao anunciar que testara positivo para a COVID-19. Acostumados com um governo que se elegeu e se sustenta com base em fake news, a notícia foi recebida com uma

justificável desconfiança. Ainda mais ao ser anunciada momentos depois da prisão do miliciano Fabrício Queiroz e em meio à estratégia de suavização no discurso bolsonarista, encurralado por várias denúncias.

O que se pode ter certeza é que, contaminado ou não, Bolsonaro não vai recuar de sua política genocida de jogar o povo para a morte para atender seus objetivos de poder (eleitorais ou não) e os interesses dos grandes empresários e banqueiros. Um dia depois do anúncio, Bolsonaro vetou a lei aprovada pelo Congresso Nacional para assegurar produtos de higiene, leitos de UTI e até mesmo água potável a populações indígenas e quilombolas, deixando ao léu os 305 povos indígenas e as 5 mil comunidades quilombolas existentes no Brasil. Ele já havia vetado a obrigatoriedade de máscaras em comércios e templos.

Para não dizer que o governo não deu nada aos indígenas, no início de julho uma missão interministerial coman-

dada pelo ministro da Defesa, general Fernando Azevedo e Silva, despejou 66 mil comprimidos de cloroquina entre nove etnias das Terras Indígenas Yanomami e Raposa Serra do Sol, em Roraima. O próprio Bolsonaro fez questão de se exhibir tomando o medicamento, mas ele tem garantido dois exames cardíacos por dia em sua estrutura pessoal no conforto do Planalto. Já os indígenas, nem água.

BOLSONARO NÃO VAI MUDAR

Setores majoritários da burguesia, da oposição parlamentar, do Judiciário e da imprensa apostam num “enquadramento” para segurar Bolsonaro, para que possa seguir na política de passar a boiada nos direitos levada a cabo por Paulo Guedes. Usam o caso Queiroz

e o desgaste da pandemia para forçar o recuo de Bolsonaro às instituições e suas ameaças pró-ditadura, e assegurar alguma estabilidade nesta crise.

Bolsonaro, porém, se está obrigado a ficar quieto no momento, espera só a hora que possa retomar sua ofensiva às liberdades democráticas. Enquanto isso, continua desafiando seu discurso negacionista, incentivando o povo a ir para a rua após ter desfilado por aí e contaminado inúmeras pessoas.

Isso mostra que a classe trabalhadora não pode depositar a tarefa de parar Bolsonaro no Congresso Nacional nem no STF. Esse genocida e a sua família de milicianos só serão contidos com a mobilização dos trabalhadores, junto ao povo pobre e aos setores oprimidos.



RACISMO

COVID-19 tem cor e raça

Registros de mortes divulgados pela Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen) no dia 13 de julho, com base nos cartórios, mostra que o número de mortes por causas naturais entre os negros foi de 31% entre 16 de março e 30 de junho. Entre os autodeclarados pardos, cresceu 31,4%, enquanto entre os brancos foi de 9,3%.

Já as mortes por doenças respiratórias aumentaram 70,2% entre os negros, 72,8% entre pardos e 24,5% entre brancos. Se pegarmos as mortes atestadas por COVID-19, os números se invertem: 44,4% brancos, 38,4% de pardos e 8,2% negros. Isso reforça o fato de que a população negra é a mais atingida pela pandemia e a que mais morre. Apesar disso, continua invisibilizada pela subnotificação.

VEJA

SUBNOTIFICAÇÃO DEIXA “INVÍSIVEIS” AS MORTES DE NEGROS POR COVID-19

(16 de março a 30 de junho)

Registro de “mortes naturais”

Negros:	31%
Pardos:	31,4%
Branco:	9,3%

Doenças respiratórias

Negros:	70,2%
Pardos:	72,8%
Branco:	24,5%

COVID-19

Negros:	8,2%
Pardos:	38,4%
Branco:	44,4%

Fonte: Arpen

PROGRAMA

Quarentena geral já, com garantia de renda e emprego



Bolsonaro e os governos estaduais e municipais querem fazer com que a classe trabalhadora e a população aceitem as mais de mil mortes diárias como fato consumado. Tentam normalizar a barbárie, fazendo parecer que está tudo voltando ao “normal”, enquanto aproveitam a crise para retirar ainda mais direitos.

Os trabalhadores e o povo pobre não podem aceitar esse genocídio calculado. É preciso retomar a luta para arrancar esse governo e para que

se garanta uma quarentena de verdade, com condições para as pessoas ficarem em casa, pagamento imediato do auxílio emergencial e seu aumento para, pelo menos, 2,5 salários mínimos, proibição das demissões e auxílio de verdade para as micro e pequenas empresas. Além disso, é necessário realizar a testagem em massa.

O dia 10 de julho foi um importante marco. É preciso agora aumentar a mobilização para criar as condições de se ir rumo a uma greve geral.

OPRESSÃO

A violência da Polícia Militar e a lógica do racismo



ROSENVERCK ESTRELA SANTOS
DE SÃO LUÍS (MA)

Nos bairros periféricos, pobres e negros, a letalidade e o contágio da COVID-19 têm superado os bairros ricos. Obrigados a trabalhar e sem água encanada e saneamento, cresce a mortalidade nas favelas e periferias. Como se não bastasse a pandemia, e esta suposta quarentena, padecemos do aumento da violência e da letalidade policial.

Segundo a imprensa, somente em São Paulo, em apenas cinco meses, são 442 vítimas da violência policial, a quarta alta no ano. No mês de abril, os assassinatos cometidos pelo corpo policial cresceram 55%.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública aponta que a letalidade policial em São

Paulo bateu recorde de janeiro a abril, crescendo 31%. Vídeos de denúncia das brutais agressões em abordagens de trabalhadoras e trabalhadores negros na periferia e atos como o da Zona Sul e da Cidade Tiradentes, na cidade de São Paulo, dão início a uma reação contra o genocídio do povo pobre e negro.

“TODO CAMBURÃO TEM UM POUCO DE NAVIO NEGREIRO”

O Coronel Álvaro Camilo, secretário-executivo da Polícia Militar de São Paulo, diz que a PM não é conivente com atitudes racistas e afirmou que “a maioria das abordagens ocorrem tranquilamente, mas é sempre um momento tenso para as duas partes... Quem deixou de morrer? Pessoas da periferia, a maioria negros”.

Bom, se a maioria das abordagens ocorre tranquilamente, por que é tenso para os dois lados? E como é que o coronel sabe que a maioria dos que deixaram de morrer são de periferia e negros? A realidade está muito distante das suas declarações. Os números do Data-Favela publicados recentemente expressam o oposto. Veja na tabela:

Na linguagem do coronel, os mais suscetíveis de abordagem poderiam ser mortos ou não, dependeria de sua própria ação. Mas, se para a PM a população negra está propensa ao crime, pois é esta a educação recebida pelos soldados, como abordar esse suposto criminoso de forma tranquila?

Como tem se comprovado cada vez mais, nas imagens



Ação de policial que pisou no pescoço de mulher negra e 51. A mulher é viúva, com cinco filhos e dois netos, e que é comerciante em Parelheiros, no extremo sul de São Paulo.

pela internet e nos números dos próprios órgão de segurança, assistimos abordagens como agressões, muita violência, tor-

tura e assassinatos... quem está morrendo são “pessoas da periferia, a maioria negros” o oposto do que diz o coronel.

MEDO DA POLÍCIA



Quatro em cada dez pessoas (42%) negras de origem periférica afirmam já ter sofrido violência policial. O número cai para 34% dentre os brancos que moram nestas mesmas regiões.



Metade dos que vivem na periferia sentem medo da polícia.



Diante da frase “a polícia é perigosa para pessoas como eu”, 54% dos negros e negras dizem que sim, enquanto essa frase só faz sentido para 17% dos brancos.



Apenas 5% dos brasileiros acreditam que a polícia NÃO é racista.

ABORDAGEM POLICIAL

Dois pesos e duas medidas



As agressões verbais do vídeo em que o empresário Ivan Storel, morador de um condo-

mínio de luxo e agressor de sua companheira, destrata o policial nos diz muito sobre o assunto:

“Você pode ser macho na periferia, mas aqui você é um bosta. Aqui é Alphaville.”

O Sr. Storel não necessita de policiais para garantir a sua segurança, porque as empresas de segurança privada o fazem nos condomínios de luxo. Os pobres e pretos entram somente para os serviços domésticos e manutenção. Mesmo a polícia com seus corpos negros e pobres não pode atuar no terreno da burguesia branca e escravocrata, pois de certa forma também representa a sujeira das favelas e periferias do Brasil.

O empresário, expressão da classe dominante, aborda o PM com a mesma truculência com

a qual exige que ele aborde negros e pobres. Isso revela que esta instituição militarizada, em sua essência, não está construída para garantir a segurança pública de toda a população.

Sua função essencial é bem outra: são treinados como defensores de uma ordem cuja essência é a desigualdade. A segurança pública passa longe. Devem manter sob controle os inimigos potenciais desta ordem por uma repressão brutal. Isto é, os que sofrem com a desigualdade.

Por isso se impõe a necessidade de que os bairros periféricos organizem a sua autodefesa com o objetivo de garantir a segurança pública negada pelo Estado e para

garantir a sua legítima defesa contra as agressões cotidianas que padecem. Mas isso não é suficiente.

Ocorre que a base dessa polícia, na sua maioria, é composta de pobres e negros. A estrutura militarizada da PM recruta o seus agentes entre explorados e oprimidos. Lutar pela desmilitarização da PM interessa a todos os oprimidos, pois implica questionar o poder absoluto dos coronéis. Seria um passo para acabar com a contradição na qual pobres e negros fardados saem à caça de outros pobres e negros. É a metáfora requerida do navio negreiro e do capitão do mato.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2CZDN2Y](https://bit.ly/2CZDN2Y)

CAMPANHA

Jornada de lutas pelo Fora Bolsonaro tem atos e ações pelo país



DA REDAÇÃO

Entre 10 e 12 de julho, aconteceu a Jornada Nacional de Lutas pelo “Fora Bolsonaro! Impeachment já!”. Os dias foram marcados por protestos em fábricas, canteiros de obras, unidades da Petrobras, carreatas, assembleias e panfletagens.

Mesmo com as limitações impostas pelo isolamento social necessário, a jornada cumpriu seu objetivo, que era se contrapor à política genocida do governo Bol-

sonaro no combate à pandemia, que é seguida por governadores e prefeitos ao relaxar a quarentena nesta retomada de atividades econômicas.

“Foi um dia importante porque fomos às bases, preparamos antes, discutimos e percebemos que há um processo grande de ruptura com Bolsonaro e pela busca de alternativas. A polarização que tem na sociedade está na consciência da classe trabalhadora devido à crise da pandemia. Há uma revolta com tudo o que está acontecendo, afinal, de cada dez trabalhador, cinco não

têm emprego no Brasil”, explica Atnágoras Lopes, da direção da CSP-Conlutas.

A unidade em torno da campanha pelo Fora Bolsonaro é composta por partidos políticos como PT, PSOL, PSTU, PCdoB, UP, PCB, PCO, PSB, PDT, Rede; centrais sindicais como CUT, Força Sindical, CSP-Conlutas, CTB, Intersindical Central – Intersindical Instrumento de Luta, UGT, CSB, CGTB, Nova Central; frentes Brasil Popular e Povo sem Medo; torcidas organizadas; entre outros.

A CSP-Conlutas integra a iniciativa mantendo sua independência e autonomia ao levantar as bandeiras aprovadas nas suas instâncias desde o início da pandemia: “Em defesa da vida, quarentena geral com garantia de emprego e renda digna para todos. Fora já Bolsonaro e Mourão”. Contudo, Atnágoras avalia que a jornada poderia ter sido melhor: “Agora, lamentavelmente, a cúpula das maiores centrais brasileiras passou ao largo do dia 10. Isso é grave, porque enquan-



Belém (PA) - dia 10 com assembleias de trabalhadores da construção civil



Curitiba (PR) - Panfletagem na fábrica New Holland.

to caminhamos para 2 milhões de infectados e mais de 70 mil famílias chorando seus mortos, setores da direção do movimento sindical apostam nas eleições de 2022 e não na derrubada desse governo pela luta”, explica.

Atnágoras sabe que a saída

para a imensa crise que assola o país não vai sair das eleições, um jogo de cartas marcadas da burguesia, mas da luta por uma sociedade socialista.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2CFXJAD](https://bit.ly/2CFXJAD)

VAMOS CONSTRUIR!

7 de agosto é a nova data de lutas



Em Mariana (MG), o setor da mineração realizou um ato na mina Timbopeba.



Em Pernambuco a jornada de luta pelo Fora Bolsonaro e Mourão começou antes do amanhecer, nas portas de fábricas, garagens de ônibus e periferias.



Jacaré (SP) - Assembleia e panfletagem junto aos operários da Ball Corporation e Latecoere



São José dos Campos (SP) - Sindicato dos Metalúrgicos fez assembleia na fábrica Elgin.



Rio de Janeiro - Protesto na TABG Petrobrás. O governo avança na privatização da estatal, expõem os petroleiros ao vírus, colocando a vida de milhares de trabalhadores em risco.

No dia 11, foi realizada uma plenária virtual na qual muitos setores mostraram disposição de construir uma data de luta

maior. A plenária reuniu cerca de 700 militantes de mais de 100 entidades que fazem parte da Frente Nacional Pelo Fora Bolsonaro.

“Essa plenária apontou para a realização de um dia nacional de mobilização no dia 7 de agosto, e achamos que é fundamental que ela seja reafirmada e que as principais direções do movimento incorporem essa data de luta. Nós, da CSP-Conlutas, vamos intensificar ainda mais a luta e a mobilização. Defender



São Paulo (SP) - Carreata organizada pela CSP-Conlutas no momento em que percorreu o Campo de Bagatelle, no bairro de Santana

a vida significa botar pra fora Bolsonaro e Mourão, esse governo que é o pior vírus da história recente”, explica o dirigente da CSP-Conlutas.

Quando falou ao Opinião, Atnágoras estava em Brasília, onde houve o protocolo do pedido de impeachment de Bolsonaro. Ele avalia que a ação é muito importante. “Mas não dá pra confiar nesse Congresso, que é um balcão de negócios. No meio da pandemia, os caras estão retirando nossos direitos. É na luta que vamos derrubar esse governo. Claro que protocolar o pedido é importante pois soma na luta. Mas vamos fortalecer o dia 7”, diz.

O sindicalista também avalia a necessidade de se construir uma greve geral para defender a vida. “Agora todos os governos mandam os trabalhadores para o abatedouro, para a vala comum dos enterros coletivos, sejam pró-governo [Bolsonaro] ou da dita oposição. Por isso, acho que é necessário a gente voltar a debater a necessidade de construir uma greve geral. Parar o país em defesa da vida, de uma quarentena geral com garantia de emprego e de renda digna para todos”, concluiu.

PASSANDO A BOIADA

Em seis meses, duas São Paulo foram desmatadas na Amazônia

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

No início de julho, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) divulgou que junho teve o maior número de alertas de desmatamento para o mês em toda a série histórica, iniciada em 2015. Segundo o instituto, foram desmatados mais de 1,3 mil quilômetros quadrados.

Somado o desmatamento de todo o semestre, chegamos a 3.069,57 quilômetros quadrados devastados na Ama-

zônia, um aumento de 25% em comparação ao primeiro semestre de 2019. Significa que foi desmatada, só nos primeiros seis meses, uma área que é o dobro do tamanho da cidade de São Paulo.

Esses dados servem de indicação para as equipes de fiscalização sobre onde pode haver crime ambiental, mas, no governo Bolsonaro, quem faz o seu trabalho é demitido. Fiscais que combatiam o desmatamento em terras indígenas foram exonerados após exibição de uma reportagem no Fantástico. Recentemente, também foi exone-

rada a coordenadora-geral de Observação da Terra do Inpe, Lúbia Vinhas. Foi sua equipe que divulgou os dados acima e que, em plena pandemia, os alertas de desmatamento cresceram 64% nos últimos onze meses. Foram mais de 7,5 mil quilômetros quadrados de floresta com sinais de desmatamento. No período anterior, eram 4,5 mil quilômetros quadrados. Tudo indica que este ano o desmatamento vai ser muito maior, escancarando que a jagunçada não faz quarentena.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2CZDN2Y](https://bit.ly/2CZDN2Y)



FAZENDO DE CONTA

Investidores pressionam governo, que aprofunda desmonte da fiscalização ambiental



Recentemente, executivos de 38 grandes empresas brasileiras e estrangeiras enviaram uma carta ao governo cobrando ações concretas de combate ao desmatamento conforme noticiou o jornal Valor Econômico. Sobre a política ambiental brasileira, os empresários dizem que a “percepção negativa tem um enorme potencial de prejuízo para o Brasil, não apenas do ponto de vista reputacional, mas de forma efetiva para o desenvolvimento de negócios e projetos fundamentais para o país”. Nos bastidores, diz-se que há uma pressão pela demissão de Ricardo Salles do Ministério do Meio Ambiente.

O vice-presidente Hamilton Mourão, que preside o Conselho Nacional da Amazônia, formado por mais 19 militares (sem Ibama e sem Funai, diga-se de passagem), foi obrigado a fazer uma videoconferência

com os capitalistas. O temor é que o aumento do desmatamento provoque retaliações econômicas, principalmente ao agronegócio. Bolsonaro até admitiu que a imagem do Brasil no exterior está negativa por causa da questão ambiental, mas disse que isso é uma visão distorcida do governo e que vai investir em publicidade.

O governo não pretende reativar os órgãos de monitoramento e fiscalização ambiental. O que ele realmente quer é “passar a boiada” na legislação, como confessou o criminoso Ricardo Salles, ministro do Meio Ambiente, na famosa reunião ministerial de 22 de abril. Querem mesmo é intervir no Inpe, desmontar a estrutura histórica criada para o monitoramento da Amazônia e impedir a divulgação de dados que possam causar prejuízos ao agronegócio.

Uma reportagem do jornal Folha de S.Paulo de 20 de maio mostrou que o Exército mobilizou agentes, helicópteros e dezenas de viaturas em Mato Grosso para uma operação que terminou sem multas, prisões ou apreensões. Enquanto isso, o Ibama havia sugerido outro alvo na região com evidências de ilegalidade, mas foi ignorado. Fazem um circo, chamam a imprensa para tirar foto, mas na prática deixam as queimadas correrem soltas enquanto os desmatadores continuam impunes.

Isso não é tudo. O Ibama pode perder até 20% de seu orçamento no ano que vem segundo aviso da direção da autarquia a servidores do órgão. É assim, desmontando, exonerando servidores e censurando dados, que o governo pretende mostrar aos grandes capitalistas que essa história de desmatamento na Amazônia simplesmente não existe.

GENOCÍDIO

Exército despeja cloroquina em indígenas



No dia 1º de julho, uma comissão interministerial de emergência de combate à pandemia foi a Roraima para ver o que ocorre com as populações indígenas do estado. A comissão teve a presença do ministro da Defesa, general Fernando Azevedo e Silva, e de representantes do Ministério da Saúde. Uma das barbaridades da dita missão foi levar 66 mil comprimidos de cloroquina para o tratamento de indígenas de nove etnias das terras indígenas Yanomami e Raposa Serra do Sol. A droga, que foi produzida aos milhares pelos Exército, não tem eficiência comprovada no combate a COVID-19 e, ao contrário, pode resultar em graves problemas cardiovasculares.

Azevedo soltou uma pérola durante a visita: “Não é um caso de uma pandemia que está atingindo os índios.” A negação farsante do ministro fez com que as entidades dos povos indígenas

de Roraima repudiassem publicamente a fala do militar (leia a nota aqui <https://www.pstu.org.br/em-roraima-missao-do-governo-leva-cloroquina-e-nega-pandemia-entre-indigenas/>).

O pior é que uma nova viagem está sendo planejada pelos ministérios da Defesa e da Saúde para uma terra indígena em plena pandemia e preocupa os habitantes do Parque do Tumucumaque, no Pará. Os indígenas temem a distribuição indiscriminada da hidroxicloroquina.

No passado, a ditadura militar exterminou civilizações inteiras na Amazônia para construir estradas e abrir a região para mineração e pecuária. Segundo a Comissão Nacional da Verdade, mais de 8 mil indígenas foram liquidados na época. Agora os militares desencalham seu estoque de cloroquina em cima dos indígenas. Seu papel sobre esse novo genocídio indígena será cobrado com juros e correção.

JULHO DAS PRETAS

Dos EUA ao Brasil: racismo, pandemia e rebelião negra



CLAUDICEA D. E VERA ROSANE,
DA SECRETARIA NACIONAL DE
NEGRAS E NEGROS DO PSTU

O assassinato de George Floyd, nos Estados Unidos, e a violência policial contra jovens e mulheres negras no Brasil, como ocorreu nos últimos dias em São Paulo, quando uma mulher negra de 51 anos foi pisoteada por um policial, escancaram a política de genocídio e racismo que tem crescido com os governos racistas de ultradireita de Trump e Bolsonaro. A recessão econômica e a crise sanitária tornaram essa situação ainda mais explosiva, com ondas de protestos, saques e derrubadas de estátuas de traficantes que lucraram com a escravidão. O povo negro demonstra que está

disposto a reagir, e nessa reação as mulheres negras estão à frente. Inclusive, estão junto com trabalhadores e jovens, num importante sinal de unidade de classe contra todas as formas de opressão, em particular o racismo.

No Brasil, a repressão policial aumentou nos últimos anos, chegando a ser o país que mais mata jovens negros. O país tem a polícia que mais mata no mundo e uma população carcerária que já conta com mais de 800 mil pretos e pobres presos segundo o próprio Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Nos últimos dez anos, o encarceramento feminino cresceu cerca de 260%, a maioria por envolvimento em tráfico de drogas. O encarceramento



em massa é fruto da lei anti-drogas (11.343/2006), implementada pelo governo do PT como forma de controle social de negros e pobres.

Num período de 16 anos, que vai dos governos FHC e PT até Temer, o feminicídio cresceu cer-

ca de 54% entre as mulheres negras e diminuiu entre as brancas em quase 10% (dados do Mapa da Violência de 2015). Em 2013, o Brasil foi o país com a maior taxa de feminicídio do mundo.

A execução de Marielle Franco por milicianos, em 2018, o

assassinato de Ana Cláudia Ferreira, no Rio de Janeiro, e de Marise Nóbrega, em São Paulo, ambas praticadas por policiais, são ilustrações desse feminicídio negro. Também revolta saber que esses policiais e os mandantes continuam soltos.

SISTEMA É NOSSO INIMIGO

Enegrecer a burguesia e o capitalismo?



É importante destacar que há uma camada de intelectuais que consegue até identificar o racismo como ideologia e prática impregnada em todas as instituições do Estado, mas dificilmente responsabilizam diretamente os governos e os grupos econômicos a quem são subordinados. O racismo aparece como uma coisa solta no ar, e o Estado e as empresas, como espaços que devem ser dirigidos por negros para que o racismo se desvaneie. Essa visão é equivocada e ingênua.

O racismo tem origem histórica e vai se adaptando a medida que o capitalismo muda de época

ou de situação. Combinado ao machismo, o racismo serviu como anteparo para colocar a mulher negra como objeto sexual e justificar sua superexploração, seja na época colonial, seja na fase imperialista que o capitalismo vive.

Essas ideologias servem à burguesia. Por isso, a burguesia jamais abrirá mão delas e não será mundando a cor de alguns burgueses que essa situação vai se alterar. Aliás, só vai mudar com a destruição dessas instituições e da base material de onde emergem essas ideologias, ou seja, do próprio capitalismo.

SAIBA MAIS

O que significa “Julho das Pretas”

É importante destacar que há uma camada de intelectuais que consegue até identificar o racismo como ideologia e prática impregnada em todas as instituições do Estado, mas dificilmente responsabilizam diretamente os governos e os grupos econômicos a quem são subordinados. O racismo aparece como uma coisa solta no ar, e o Estado e as empresas, como espaços que devem ser dirigidos por negros para que o racismo se desvaneie. Essa visão é equivocada e ingênua.

O racismo tem origem histórica e vai se adaptando a medida que o capitalismo muda de época ou de situação. Combinado ao machismo, o racismo serviu como anteparo para colocar a mulher negra como objeto sexual e justificar sua superexploração, seja na época colonial, seja na fase imperialista que o capitalismo vive.

Essas ideologias servem à



burguesia. Por isso, a burguesia jamais abrirá mão delas e não será mundando a cor de alguns burgueses que essa situação vai se alterar. Aliás, só vai mudar com a destruição dessas institui-

ções e da base material de onde emergem essas ideologias, ou seja, do próprio capitalismo.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2CAVIVY](https://bit.ly/2CAVIVY)

NÃO PERCA!

Acompanhe mais pelo site e pelas redes

A Secretaria Nacional de Negras e Negros do PSTU realizará uma série de iniciativas sobre o 25 de julho associadas à condição social e econômica das mulheres negras, a como estamos sendo afetadas pela atual crise sanitária, pela crise capitalista, pela perda de direitos, pelo desemprego, pelo trabalho doméstico, pelo feminicídio e pelo encarceramento. Acompanhem no site e nas nossas redes sociais.

PROGRAMA

LIT-QI divulga Programa de Emergência contra a pandemia e a crise econômica

Leia na íntegra no Portal do PSTU



DA REDAÇÃO

Diante da pandemia da COVID-19, que se junta à grave recessão mundial e que já vitimou milhões de pessoas em todo o planeta, a Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI) divulgou um programa emergencial. “Os revolucionários temos a obrigação de apresentar um programa para dar resposta a essa crise que o capitalismo não pode resolver”, explica a introdução.

Negando a possibilidade de os trabalhadores e os setores mais oprimidos terem suas necessidades respondidas dentro deste sistema – pelo contrário, a atual crise só aprofunda os elementos de barbárie –, o programa da LIT-QI parte da resposta imediata aos principais problemas e a combina com medidas que apontam para a ruptura com o capitalismo e para o poder aos trabalhadores.

TRAGÉDIA SOCIAL CAUSADA PELO CAPITALISMO

A LIT assinala que os efeitos sociais causados pela pandemia e pela recessão capitalista são igualáveis a um “grande terremoto” ou a um “tsunami”. No entanto, ao contrário do que fazem parecer crer os governos e os capitalistas, não são produtos do acaso nem seriam inevitáveis. “Com a tecnologia atual, as forças produtivas poderiam permitir que todos pudessem se alimentar, se vestir e morar com dignidade, ter acesso à cultura e ao lazer”, explica, inclusive em momentos de pandemia.

Para isso, a produção não pode estar a serviço dos lucros milionários das burguesias, mas sim a serviço dos interesses da maioria. “Seria preciso expropriar as grandes



empresas e planificar a economia em função das necessidades dos trabalhadores”, defende. A saúde, da mesma forma, não deveria ser uma mercadoria a mais sob controle das grandes empresas.

ASCENSO DAS LUTAS EM TODO O MUNDO

A LIT alerta que as massas não estão inertes diante do avanço da barbárie capitalista. Antes mesmo da pandemia, mobilizações estremeciam vários países, com ascensos de luta e processos revolucionários, como no Chile, na Colômbia, em Hong Kong, no Iraque e no Líbano.

Já no meio da pandemia, explodiu a revolta negra nos EUA, país que se tornou o centro das atenções em todo o mundo. Mais que isso, um símbolo do capitalismo e de sua falência, com mais de 40 milhões de desempregados pela recessão e mais de 3 milhões de infectados pela COVID-19.

Isso prenuncia uma nova situação mundial, com forte polarização da luta de classes que, por sua vez, pode levar a revoluções e contrarrevoluções. “A disjuntiva socialismo ou barbárie volta a estar colocada com muita força”, analisa.

A burguesia, diante dessa nova situação e da grave crise social e sanitária, “demonstrou a sua incapacidade de assegurar a sobrevivência e as necessidades básicas da humanidade”. Prossegue: “É necessária uma revolução socialista mundial que coloque o proletariado à frente dos destinos da humanidade.”

REFORMISMO É O BRAÇO DA BURGUESIA NO MOVIMENTO DE MASSAS

Se a burguesia e o capitalismo são os responsáveis diretos pela crise e por seus efeitos, encontram no movimento de massas o reformismo como grande aliado. Com o aprofundamento da crise e a explosão das lutas,

essas correntes tendem a assumir um papel cada vez mais central para “frear ou evitar novos processos revolucionários”.

Esse é o papel cumprido no Brasil pelo PT, pelo Podemos na Espanha, pelo Syriza na Grécia, além das várias organizações reformistas social-democratas ou stalinistas mundo afora. “Esses partidos não são ‘aliados mais à direita’ dos revolucionários. São inimigos dos processos revolucionários por serem braços da burguesia no movimento de massas”, alerta a LIT.

A hegemonia dessas direções reformistas continua sendo a causa da derrota dos processos revolucionários, o que torna ainda mais importante a luta contra o reformismo e suas variantes.

PELA CONSTRUÇÃO DE PARTIDOS REVOLUCIONÁRIOS

O programa da LIT termina reafirmando a necessidade da superação da crise de direção revolucionária. “Por mais heroicas que sejam as

ações das massas, elas serão derrotadas caso não se supere a crise de direção revolucionária”, afirma.

Diante disso, a tarefa mais importante neste momento é a construção de partidos que “unam os revolucionários ao redor de um programa e da concepção bolchevique de partido”, luta esta “inseparável da reconstrução da IV Internacional, uma internacional revolucionária aos moldes da III Internacional dirigida por Lenin e Trotsky”.

Por fim, a LIT faz um chamado especial: “Queremos chamar os ativistas das lutas a construir conosco partidos revolucionários e a Liga Internacional dos Trabalhadores, o nosso embrião de uma internacional revolucionária. Essa é a única maneira de enfrentar a barbárie que nos ameaça e forjar um futuro socialista.”

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/30CKWJJ](https://bit.ly/30CKWJJ)

AMÉRICA LATINA

Pandemia deixará 45 milhões na pobreza, diz relatório da ONU

Um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), divulgado no dia 9 de julho, aponta que cerca de 45 milhões de pessoas cairão da classe média para a pobreza na América Latina e no Caribe devido à pandemia.

Epicentro da pandemia, a região já registrou mais de 3 milhões de casos confirmados e quase 150 mil mortes. Brasil, México, Peru e Chile são os países mais afetados. A ONU ressalta que tal situação se dá

num contexto em que já existem grandes desigualdades, altos níveis de trabalho informal e serviços de saúde fragmentados. O relatório pontua que mulheres, indígenas, negros, imigrantes e refugiados são os mais afetados.

A organização estima que a queda do PIB regional este ano será de 9,1%, a maior em um século. o desemprego aumentará de 8,1% no ano passado para 13,5%, o que significa que a região pode ter mais de

44 milhões de desempregados este ano, cerca de 18 milhões a mais que em 2019.

Hoje, cerca de 80% da população da região vivem em cidades, milhões delas superlotadas, sem acesso a água potável e serviços de saúde. Após a pandemia, a taxa de pobreza crescerá 7% em 2020, um aumento de 45 milhões de pessoas, com o qual o número total de pobreza e extrema pobreza na região aumentará para 230 milhões (37,2% da população).



NA CONTRAMÃO

Policiais no Amazonas contra Bolsonaro



Na contramão de muitos policiais, um movimento de policiais no Amazonas fez questão de expressar seu repúdio às ações do governo Bolsonaro em meio à pandemia do novo corona-

vírus. Em outdoor, os policiais colocaram uma foto do presidente e a frase: “Se puder, fique em casa; fora só Bolsonaro.”

“Hoje nosso movimento Policiais Pela Democracia –

Amazonas promove mais um outdoor de protesto e conscientização contra Bolsonaro. Entendemos que não há mal maior ao Brasil do que o governo federal que, em meio a uma pandemia, oculta informações do povo e se omite em dar assistência à população vulnerável. O governo fascista vai cair, para o povo viver feliz de novo”, dizia a publicação do delegado João Tayah, que criou uma página e um grupo para manifestantes compartilharem situações de protesto contra o governo.

CAMPANHA

Justiça argentina nega libertação de Sebastián Romero



No dia 30 de junho, o juiz interino do tribunal nº 12, Canicoba Corral, negou o pedido de libertação de Sebastián Romero. Entre as considerações para negar a liberdade, escreve que “Sebastián esteve ausente por dois anos e meio, portanto ele não teria raízes familiares e sociais”. Essa justificativa é absolutamente inconsistente e mostra que, para a Justiça, todo tipo de argumento estapafúrdio serve quando o objetivo é punir os lutadores, e o fazem por concepção, uma vez que o código penal processual é feito para os ricos.

Sebastián é perseguido político desde o dia 18 de dezembro de 2017 por ter participado, junto a milhares de trabalhadores e trabalhadoras, da mobilização contra a reforma da Previdência, que foi um roubo brutal aos aposentados e aposentadas da Argentina. Na época, o governo de Mauricio Macri e de sua ministra de Segurança,

Patricia Bullrich, tentaram, na figura de Sebastián, demonizar a legítima mobilização popular contra o ajuste. Tiveram amplo apoio da mídia para isso. No dia 30 de maio, o ativista e companheiro Sebastián Romero foi preso no Uruguai, e um mês depois foi extraditado.

REDOBRAR A CAMPANHA

A solidariedade com Sebastián continua a crescer em nível nacional e internacional. Devemos seguir em frente, unindo todas as reivindicações em uma, porque se trata de alcançar a liberdade de Sebastián com a unidade de todas as lutas. Ativistas, entidades, personalidades e organizações estão prestando solidariedade e exigem a libertação imediata de Sebastián.

Participe também da campanha #SebastianRomero! Envie pronunciamentos para o e-mail: libertadasebastianromero@gmail.com.

FRIGORÍFICOS

Mais de seis mil trabalhadores infectados



Segundo o Ministério Público do Trabalho (MPT), até o dia 13 de julho, havia 6.202 trabalhadores infectados pelo coronavírus em frigoríficos do Rio Grande do Sul. É um crescimento de 40% em pouco mais de um mês conforme o órgão. Para se

ter uma ideia, em 19 de junho, o total era de 4.385 trabalhadores infectados. Cinco empregados e 12 pessoas que tiveram contato com funcionários dos locais morreram de COVID-19.

Conforme o MPT, o estado tem 39 unidades frigoríficas, que

totalizam 35.850 empregados. O percentual de infectados chega a 17% do total. Todos esses números revelam o total descaso com os trabalhadores e suas famílias. Para os governos e os capitalistas eles são peças descartáveis facilmente substituíveis.

CAZUZA

O poeta ainda está vivo!



WILSON HONÓRIO DA SILVA,
DA SEC. NACIONAL DE
FORMAÇÃO DO PSTU

Há 30 anos, num 7 de julho, Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuzza, deixou-nos, quando tinha apenas 32 anos. Símbolo da geração que se rebelou e gritou por liberdade em meio à luta pela derrubada da ditadura; ícone incontestado das LGBTs e poeta do submundo, dos amores tresloucados e de uma juventude em busca de seu espaço numa sociedade careta e conservadora, Cazuzza teve sua vida abreviada pela Aids. Tornou-se, assim, de forma involuntária, também um símbolo do raivoso preconceito que, na época, tachava a doença como a “peste gay”.

Passadas três décadas, suas poesias cantadas, suas fantásticas reinterpretações de clássicos da MPB e sua voz inconfundível são testemunhos vivos de um tipo de artista que, independentemente de sua origem de classe, alimenta sua criatividade do contato direto com o mundo real, dos anseios, desejos e angústias que povoam o submundo dos excluídos e das carências (afetivas, sociais, artísticas e culturais) daqueles e daquelas para quem a rebeldia é o único modo de vida possível. Por isso mesmo, continuam a embalar corações, corpos e mentes Brasil afora.

UM PEQUENO BURGUEZ SEM-VERGONHA

O codinome foi cunhado pelo próprio cantor. E não por acaso. Nascido em berço esplêndido (filho do produtor musical João Araújo e de sua maior fã, Lucinha Araújo), Cazuzza cresceu cercado pela música e mergulhado na boemia, coisas que se confundiam, inclusive, em suas influências, a maioria delas revisitada em sua carreira, como Cartola, Dolores Duran, Lupicínio Rodrigues, Noel Rosa, Maysa, Dalva de Oliveira, Janis Joplin, Led Zeppelin e Rolling Stones.

Garoto rebelde, realizou incursões autodidatas pelas obras

dos chamados “poetas malditos”, como os franceses – e amantes – Arthur Rimbaud e Paul Verlaine (do século 19) e a geração beatnik dos anos 1950, como Jack Kerouac e Allen Ginsberg.

Estreou nos palcos em 1980 como parte do grupo teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone e sob a tenda do Circo Voador, um espaço cultural no Rio, que serviu como abrigo e verdadeiro templo para uma geração conhecida como a do “desbunde”.

ROCK NA VEIA

Em 1982, aconteceu o encontro entre a formação original do Barão Vermelho – Roberto Frejat (guitarra), Dé Palmeira (baixo), Maurício Barros (teclado) e Guto Goffi (bateria) – e a voz berrada e o profundo senso poético de Cazuzza, numa parceria que incendiou os palcos como expressão de um chamado “novo rock brasileiro”.

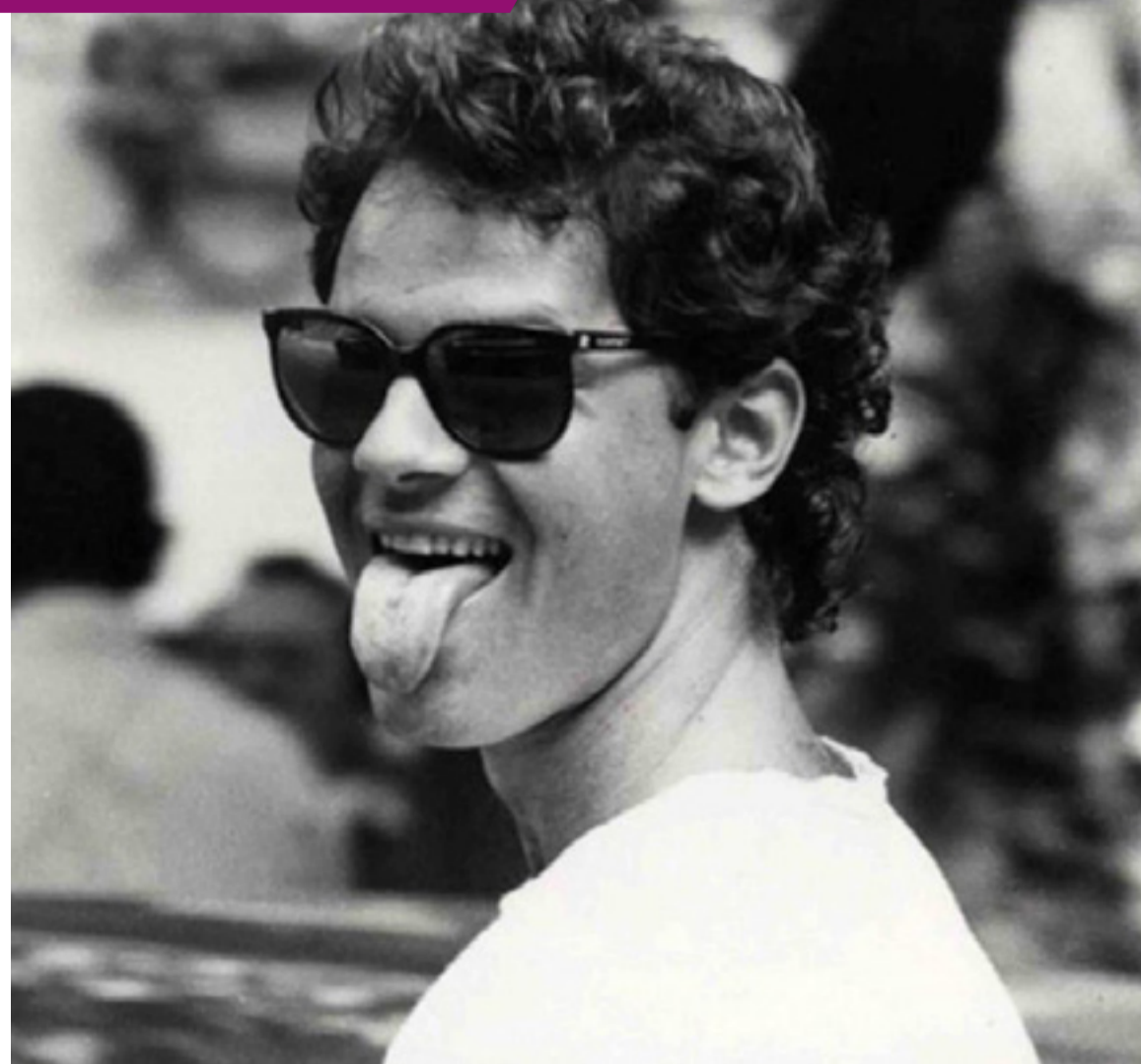
Gravando um sucesso após outro, como “Codinome Beija-Flor”, “Menor Abandonado”, “Pro dia nascer feliz”, “Todo amor que houver nesta vida”, “Bete Balanço” (trilha de um filme da época) e “Por que a gente é assim?”, o grupo atingiu seu ápice e, também, bem ao estilo Cazuzza, marcou sua saída do grupo com uma apoteótica apresentação no primeiro Rock In Rio, em 1985.

VIDA LOUCA, VIDA INTENSA, VIDA BREVE

Cazuzza iniciou uma carreira solo cujo repertório, além das composições próprias, resgatando clássicos, que ganhou cada vez mais contornos autobiográficos, principalmente para alguém que havia descoberto ter contraído o vírus HIV.

Homem de muitas e intensas paixões, algumas vezes por mulheres, mas quase sempre por homens, inclusive Ney Matogrosso, Cazuzza nunca escondeu sua orientação sexual. Pelo contrário. Ele a cantou em alto e bom som.

Por isso mesmo, seus últimos



anos foram marcados por uma exposição preconceituosa, sensacionalista, lgbtfóbica e literalmente criminosa, em particular pela mídia, que teve sua expressão mais rasteira numa matéria de capa da revista Veja em abril de 1989, quando Cazuzza trouxe à tona sua doença, exatamente para tentar desmitificá-la.

Contudo, o exagerado nunca abaixou a cabeça. Quando a Aids se manifestou em 1987 e o único medicamento disponível era o torturante AZT (com efeitos colaterais terríveis), demonstrou uma dignidade e força interior impressionantes. Solto o verbo contra um mundo que fere, desampara, persegue e oprime todas e todos que, por necessidade ou opção, são rebeldemente desajustados em relação a este sistema.



A BURGUESIA CONTINUA FEDENDO, MAS O POETA AINDA ESTA VIVO!

Em 1988, “Ideologia”, “Brasil” e “Faz parte do meu show” soavam como desafios abertos ao preconceito e aos des-caminhos de um país cuja redemocratização deixava muitíssimo a desejar. No mesmo ano, na genial “O tempo não para”, ele disparou sua metralhadora cheia de mágoas contra os que o achavam derrotado. Gente que, enquanto chamam os outros de “ladrão, de bicha, maconheiro, transformam um país inteiro num puteiro, pois assim se ganha mais dinheiro”.

Em seu último disco, a “Burguesia” denunciou as elites como obstáculo pra que haja poesia. Por isso, precisa ir para a cadeia, ser desapropriada, dinamitada.

E foi chamando todo mundo pra ir à rua e “fazer uma revolução” que o poeta se despediu da gente. E é por essa e muitas outras, que continua vivo entre nós.

LEIA TAMBÉM:



CAZUZA: UM
POUCO FAMÍLIA
DEMAIS

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3FAGTNE](https://bit.ly/3fagtne)